

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

FRANCISCO DE ASSIS QUIORATO FILHO

A CONSOLIDAÇÃO DA *STAND-UP COMEDY* NO BRASIL

NITERÓI
2011

FRANCISCO DE ASSIS QUIORATO FILHO

A CONSOLIDAÇÃO DA *STAND-UP COMEDY* NO BRASIL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Luiz Carlos Mendonça

NITERÓI
2011

*Aos queridos comediantes, amigos e familiares que me incentivaram,
de alguma forma, durante o processo de pesquisa
para este trabalho e durante os quatro anos de faculdade.*

RESUMO

O presente trabalho monográfico é um estudo expositivo sobre a *stand-up comedy* no Brasil. A partir da análise do surgimento dos primeiros comediantes e grupos, ocorrido a partir da segunda metade do anos 1990 até o início dos anos 2000, pretende-se entender a atual configuração do gênero, que tem dominado teatros e outros espaços pelo país nos últimos anos. Primeiramente, serão analisadas suas principais características e relacioná-las a teorias e estudos realizados sobre comédia, em geral, e riso. Depois, será apresentado como se deu a expansão desse gênero pelas mídias, principalmente com a participação de comediantes em programas de televisão e a disponibilização de vídeos pela internet, apoiada na divulgação pelas redes sociais, contribuindo para sua renovação através de novos comediantes e grupos. E, por fim, como a comédia *stand-up* se consolidou no país beneficiada pela convergência desses meios de difusão pelas quais se utilizou.

Palavras-chave: *stand-up comedy*; comédia *stand-up*; comédia; comediante; humor; humorista; riso; convergência midiática.

SUMÁRIO

Introdução	1
I – <i>Stand-up comedy</i>: um panorama sobre o gênero, os primeiros comediantes e a formação dos primeiros grupos no Brasil	3
1.1 – Bruno Motta	6
1.2 – Clube da Comédia <i>Stand-up</i>	7
1.3 – Comédia em Pé	10
1.4 – Outros comediantes e grupos	12
II – A comédia e o riso no gênero <i>stand-up</i>	14
III – A <i>stand-up comedy</i> e as mídias: a convergência em benefício à expansão do gênero	21
Considerações finais – A consolidação da <i>stand-up comedy</i>	29
Referências	33
Anexos	35

INTRODUÇÃO

No palco, um microfone, um pedestal e, ocasionalmente, um banquinho. O comediante se posiciona na direção do foco de luz e começa a lançar suas observações divertidas e peculiares sobre o cotidiano: “*As pessoas dizem que perguntar não ofende. Pergunta para uma gordinha se ela está grávida para ver se não ofende...*” (Claudio Torres Gonzaga). “*A Globo, no final do ano, sempre passa o ‘Roberto Carlos Especial’. Por que ‘especial’ se é sempre igual? Tinha que ser ‘Roberto Carlos Normal’.*” (Bruno Motta). “*Loja de roupa da Joelma, do Calypso, é igual à auto-escola do Rubinho: não passa credibilidade.*” (Murilo Couto). “*Uma mulher comediante tem a mesma credibilidade de um homem manicure.*” (Dani Calabresa). Esses são apenas alguns trechos de textos de comediantes de *stand-up* brasileiros.

O interesse despertado em mim pelo gênero surgiu ao começar a assistir a espetáculos de comédia no teatro e, um dia, ir ao “Comédia em Pé”. Ao deparar-me com aquele humor “*de raiz, franciscano*” – segundo palavras de Claudio Torres Gonzaga – em que um sujeito consegue levar uma plateia às risadas e, muitas vezes, a aplausos em cena aberta, somente com suas observações sobre coisas do dia a dia, sem uso de qualquer recurso, a não ser a fala, o fascínio foi imediato.

E, após assistir inúmeras vezes a espetáculos e tornar-se produtor de alguns grupos de *stand-up*, notei a carência de estudos sobre este tipo de comédia, em grande evidência na produção cultural contemporânea brasileira. Então, meu empenho foi em transferir, para a parte teórica, o que presenciava e vivenciava na prática.

Ao perceber que a experiência com o gênero não se dá somente na ida a apresentações em teatros ou bares, mas também estende-se à internet, à televisão,

a livros, DVDs, CDs etc, resolvi compreender, também, como isso se configurou até chegar ao seu estágio atual.

Dessa forma, o presente trabalho monográfico é um estudo sobre a consolidação da *stand-up comedy*, no Brasil, a partir do fim da década de 1990/início dos anos 2000, apoiada na convergência midiática, propiciada pela expansão do acesso à internet, e a influência desta nos outros meios de difusão de informações.

Dentre as referências teóricas estão: Áreas (1990), Bremmer (2000), Bergson (2007), Caruso (2009) e Lins (2009). Grande parte da bibliografia trata da comédia em geral, não específica e unicamente do gênero analisado, já que, dentre os livros publicados no Brasil sobre *stand-up comedy*, somente o do comediante Léo Lins aborda o tema de forma mais aprofundada. Os outros são transcrições dos textos que os comediantes apresentam nos palcos. No exterior, especialmente nos Estados Unidos, há muitas publicações sobre o gênero, publicadas desde a década de 1980. Destas, nenhuma ainda foi lançada, oficialmente, em português. O que encontra-se, disponíveis na internet, são traduções não profissionais de alguns deles, principalmente do livro da comediante norte-americana Judy Carter: “*Stand-up Comedy – The Book*” (1989). E, para este trabalho, também foram feitas entrevistas com comediantes e coletadas informações de sites de notícias, sites dos próprios comediantes e dos grupos dos quais fazem parte.

Com isso, nos capítulos, são abordados os primeiros comediantes e grupos de *stand-up comedy* do Brasil; a relação das características deste gênero com estudos sobre riso e comédia; e analisada como se deu a expansão do *stand-up* pelas mídias, propiciando sua consolidação no país. E, os objetivos são:

- analisar o gênero de comédia *stand-up* no Brasil;
- estudar um nicho de comédia na produção cultural contemporânea;
- estudar a comédia *stand-up* e suas ligações com características do teatro e da comédia, em geral;
- apresentar a comédia como meio de reflexão sobre o cotidiano;
- mostrar os meios físicos e virtuais utilizados para a expansão deste gênero de comédia pelo Brasil.

CAPÍTULO I

Stand-up comedy: um panorama sobre o gênero, os primeiros comediantes e a formação dos primeiros grupos no Brasil

O gênero de comédia *stand-up* ganha cada vez mais repercussão no Brasil, seja no teatro, na televisão, em bares, espaços alternativos e, também, na internet – que é de fundamental importância para a sua expansão. Isto se deve, muitas vezes, por ser adaptar facilmente a diferentes espaços, já que demanda apenas de equipamentos básicos: um foco de luz, microfone e amplificador de som.

Sozinho no palco, o comediante de *stand-up comedy* não utiliza figurino, cenário, acessórios e não interpreta personagens. Por isso, no Brasil, também é conhecido como “humor de cara limpa”. Ele apresenta, no palco, sua forma particular de enxergar o mundo através de textos próprios com observações críticas e engraçadas. Uma lente de aumento¹ sobre o cotidiano, onde o comediante vai buscar, além do ocorrido, o risível da situação, por ele vivenciada, para apresentar ao público.

É considerado um dos gêneros de comédia mais difíceis de executar e dominar, já que o comediante encontra-se desarmado, despido de personagens ou de qualquer outro elemento cênico que possa camuflá-lo. Ele deve conduzir com maestria sua apresentação, de acordo com a recepção do público aos temas dos textos apresentados e adaptar-se a isso.

A *stand-up comedy* foi popularizada pelo comediante Jerry Seinfeld em sua série de TV, intitulada “Seinfeld” (1989-1998), que fez grande sucesso e o tornou conhecido em todo o mundo.

¹ Inclusive, nome este dado ao espetáculo solo de *stand-up comedy* de Leandro Hassum.

A série foi criada pelo ator, escritor, comediante, diretor e produtor americano Larry David e pelo próprio Seinfeld, que estrelava o programa, interpretando sua própria *persona*, juntamente a George Costanza, Elaine Benes e Cosmo Kramer. No total, foram nove temporadas e, a cada episódio, sempre no início e ao final, Seinfeld apresentava um número de *stand-up comedy*. Enquanto a série esteve no ar e após seu término, o comediante se apresentou em bares e casas de *shows* nos Estados Unidos, alcançando grande sucesso, assim como ocorreu na TV.

No Brasil, o gênero começa a ganhar importância, no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, com o “Prêmio Multishow do Bom Humor Brasileiro”, os primeiros comediantes (Bruno Motta, de Minas Gerais, e Diogo Portugal, do Paraná, por exemplo) e a formação dos primeiros grupos exclusivamente de *stand-up comedy* no Rio de Janeiro (“Comédia em Pé”) e em São Paulo (“Clube da Comédia *Stand-up*”).

O gênero encontra semelhanças com os espetáculos denominados “*One Man Show*” e realizados, no Brasil, por Chico Anysio, Juca Chaves, Luiz Vasconcellos, Jô Soares e outros, nas décadas de 1960 e 1970. Estes eram espetáculos solos, em sua maioria voltados para a comédia, onde encontrava-se um humor variado, nos quais os comediantes apresentavam piadas, textos próprios, faziam imitações, tocavam instrumentos e cantavam músicas, entre outras performances. Pode-se dizer que a *stand-up comedy* estava inserida no contexto dessas apresentações, mas não caracterizar estar como as primeiras deste gênero de comédia.

Lins (2009, p. 13-14) descreve muito bem o início do gênero e como este se configura atualmente. As raízes estariam nos mestres de cerimônias de espetáculos circenses do século XVIII e de boates e cabarés dos séculos XIX e XX. “Os *MC’s* contavam piadas, faziam *intromissões rápidas entre os números, ou seja, eram um dos grandes responsáveis por segurar o show*” (*ibidem*). Ainda no século XX, figuras do rádio também iniciavam seus *shows* com piadas do cotidiano. Porém a *stand-up comedy* só ganhou realmente forma na década de 1950, quando “*mudou de piadas rápidas para monólogos, envolvendo observações políticas, sexuais*”² (*ibidem*). Nos anos 70, teve grande crescimento nos Estados Unidos, expandindo-se ainda mais na década seguinte, com a difusão dos *comedy clubs*.

² “Nesta época surge uma figura importante: Lenny Bruce, responsável por romper limites, fazendo coisas até então consideradas inaceitáveis, como por exemplo, usar palavrões em larga escala.” (LINS, 2009, p.14)

“No Brasil, José Vasconcellos é considerado um dos precursores da stand-up. Além dele, vários outros humoristas como: Chico Anysio, Jô Soares, entre outros, utilizavam a linguagem stand-up em seus shows. Porém, acredito que apenas agora, em pleno século XXI, a stand-up comedy chega à sua mais pura forma ao território brasileiro.” (ibidem)

Marcelo Mansfield e Marcela Leal também pesquisaram as raízes desse tipo de comédia e afirmam³, também, que elas estão nas *“variadas tradições do entretenimento popular do final do século XIX, indo do vaudeville e monólogos humorísticos [...] ao teatro hiddish [que tem a sátira em sua essência] e números cômicos circences”* [sic] (site⁴).

O comediante realizava um número de abertura para a atração principal da noite e isto *“era considerado um degrau para uma carreira verdadeira no show business”* (ibidem). Nos clubes noturnos, as apresentações eram marcadas pela comédia *blue* (que utiliza-se de *“linguagem suja, palavrões, conteúdo sexual ou escatológico”* (ibidem)).

Do mesmo modo que Lins (2009), eles reconhecem que a evolução da *stand-up comedy* está diretamente ligada às apresentações dos mestres de cerimônias (MC's) *“[...] como eram chamados na época de ouro do rádio [...] vieram do vaudeville e geralmente abriam seus programas com monólogos ou números cômicos”* (ibidem).

O conteúdo dos textos era diversificado e sobre temas comuns, como filmes e aniversários. Até que uma nova onda de abordagens sobre política, relações raciais e humor sexual, surgiu no fim da década de 1950/início da década de 1960. *“A stand-up comedy mudou de tiradas rápidas e piadas para monólogos, geralmente com humor sombrio e sátiras”* (ibidem).

E também, afirmam que, nos Estados Unidos, a explosão do gênero ocorreu durante a década de 1970 e comediantes foram alçados ao posto de estrelas do *show business*, graças ao sucesso de suas performances, chegando até mesmo a realizarem apresentações para grandes públicos em estádios. Também foram abertos novos lugares para a prática do gênero em várias cidades, e comediantes,

³ O texto foi extraído do site do grupo do qual fazem parte, o “Clube da Comédia *Stand-up*”, disponível em: <http://www.clubedacomedia.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=8&Itemid=31>. Acessado em 10 jan. 2011.

⁴ *ibidem*

como Robin Williams, Eddie Murphy e Steve Martin, conquistaram espaço na televisão e no cinema.

Na televisão, muitas vezes esbarravam na censura às piadas, porém, o surgimento de canais fechados/a cabo (HBO, por exemplo) e até mesmo de um canal dedicado exclusivamente à comédia (“*Comedy Central*”) auxiliou na expansão da comédia *stand-up* com maior liberdade, como a encontrada no teatro e bares.

Novos comediantes passaram a existir em meio a esse *boom* e ocorreu uma saturação, que levou ao declínio do gênero. Neste mesmo período, os que já possuíam uma carreira estabelecida, continuaram a lotar os teatros, já os novatos tentaram se manter em cartaz com apresentações em bares e lugares pequenos.

O “*Comedy Cellar*”, um dos principais *comedy clubs* norte-americanos, localizado em Nova York, considerada o coração da *stand-up comedy* por abrigar a maioria dos novos talentos juntamente aos veteranos, foi o local para onde estes foram testar novos textos durante os intervalos das turnês pelo país. Já na *Broadway* (famosa avenida que concentra grande número de teatros), havia o “*Caroline’s*”, que contava com performances de grandes nomes do gênero, como Jerry Seinfeld.

Do outro lado do país, em Los Angeles, os comediantes encontraram uma oportunidade para ampliarem seu campo de atuação para televisão e cinema, devido aos grandes estúdios por lá instalados. E para serem vistos, realizaram apresentações em *clubs* tradicionais, como: “*The Laugh Factory*”, “*Improv*” (que possui 24 unidades em várias cidades, nesse caso, é a de Hollywood) e “*Comedy Store*”.

No Brasil, a *stand-up comedy* ganhou força a partir do fim da década de 1990/início dos anos 2000. Dentre os protagonistas que propiciaram essa retoma, estão:

1.1 Bruno Motta

Nascido em Minas Gerais, é um dos precursores do gênero no Brasil, chegando a entrar para o “*Guinness Book*”, em 2003, por ficar 38 horas e 12 minutos contando piadas para um público de cinco mil pessoas, que se revezava em um

teatro, em Belo Horizonte⁵. Mas antes, no fim da década de 1990, ocorreu o “Prêmio Multishow do Bom Humor Brasileiro”, do qual ele participou. Tratava-se de um festival promovido e exibido pelo canal de TV fechada “Multishow”, nos anos de 1996, 1997 e 1998, que revelava novos talentos do humor nacional.

Motta e Diogo Portugal (Curitiba) realizaram, na primeira e terceira edições, respectivamente, apresentações de *stand-up comedy* na premiação. Somente eles utilizaram-se desse formato de comédia no festival, criado por Wilson Cunha (diretor do canal na época) com o objetivo de revelar talentos no gênero. Porém, tipos interpretando personagens e contadores de piadas foram a maior parte dos inscritos.

O prêmio funcionava da seguinte forma: as performances a serem apresentadas eram escolhidas pelo canal através de fitas de vídeo enviadas pelo correio. Ocorriam semifinais em cidades como: Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, e, dessa seleção, saíam os finalistas que concorreriam a premiações em dinheiro.

Foram realizadas somente três edições, porém alguns dos principais humoristas da atualidade foram revelados no festival. Entre eles estão: Cláudia Rodrigues (vencedora em 1996) e Marcelo Médici (vencedor em 1998).

Voltando à Minas Gerais, Motta⁶, além de fazer *shows* com outros humoristas, estreia seu primeiro espetáculo solo “De Pé!”, que ficou em cartaz no estado e realizou apresentações em cidades do interior mineiro e também de São Paulo, entre os anos de 2001 e 2004.

Em 2005, ainda em sua terra natal, criou o “ImproRiso”, que reunia *stand-up*, personagens e improvisação. Três anos depois, levou este projeto para São Paulo, com o mesmo formato, e continua em cartaz até o momento.

Ainda em 2008, passou a integrar o elenco do “Seleção do Humor *Stand-up*”⁷, permanecendo até 2010. E, neste mesmo ano, estreou, em São Paulo, seu segundo solo intitulado de forma curiosa somente com um ponto de exclamação: “!”. Desde então, apresenta-se em cidades pelo país com esse espetáculo .

1.2. Clube da Comédia *Stand-up*

⁵ O feito foi superado no ano de 2010 por um americano, sendo que pouco tempo antes, Bruno já havia sido superado por um australiano, sem ser informado.

⁶ Bruno trabalha como ator desde jovem, mas se formou em publicidade, depois de ter passado pelos cursos de jornalismo e administração.

⁷ Espetáculo que está em cartaz há quase 4 anos no Teatro Folha com um elenco rotativo. No total há nove comediantes, sendo que quatro destes se apresentam por noite.

Em 2004, vários comediantes (Marcela Leal, Rafinha Bastos, Márcio Ribeiro, Marcelo Mansfield, Adriano Assi, Simone de Lúcia e o próprio Bruno Motta), por meio de uma comunidade criada por Henrique Pantarotto no site de relacionamentos *Orkut*, começaram a conversar e discutir sobre *stand-up comedy*. Após uma reunião entre eles, fora do ambiente virtual, Mansfield conseguiu, em São Paulo, uma pauta em um bar recém aberto por um empresário, que gostaria de ter uma noite de humor na programação das segundas-feiras. A partir disso, foi criado o espetáculo “*Mondo Cane*”. Em uma hora de apresentação, trinta minutos eram dedicados ao humor físico⁸ de Mansfield, que apresentava a outra metade do *show*, dedicada ao *stand-up comedy* de Marcela Leal e Rafinha Bastos.

Entretanto, Mansfield (informação verbal⁹) afirma que o resultado não foi o esperado e ocorreu um grande fracasso de bilheteria. O “*Mondo Cane*” conseguiu resistir três meses até que os três comediantes decidiram acabar de vez com o espetáculo. Porém, entre eles, foi mantida a ideia de fazer um *show* de humor.

Então, em 2005, convidaram Henrique Pantarotto, Márcio Ribeiro e Oscar Filho e, com um grupo de seis comediantes, formaram o “Clube da Comédia *Stand-up*”¹⁰.

Por não terem anunciado a estreia do espetáculo, Mansfield lembra (*ibidem*) que, nas primeiras apresentações, o público era de, no máximo, dez pessoas. Quando começaram a ter um número significativo de espectadores, em função, essencialmente, da divulgação “boca a boca” (que ocorre somente de dois a três meses depois da primeira apresentação), decidiram pagar um anúncio em um jornal e realizaram uma grande festa para oficializar o lançamento do grupo.

O primeiro lugar onde se apresentaram foi o Bar *Beverly Hills* (cujos donos são o casal dos, hoje, comediantes Robson Nunes e Michelli Machado junto com o, também comediante, Luiz França). Com o tempo, o local, com capacidade para 100

⁸ Praticado por comediantes famosos, como Chaplin e Mr. Bean, é um estilo que utiliza-se do corpo e não da fala para provocar o riso.

⁹ Comunicação pessoal ao autor em 26 de fev. 2011, no Teatro Sesc Ginástico.

¹⁰ No ano anterior, no Rio de Janeiro, o “Comédia em Pé” já havia iniciado suas atividades, tornando-se o primeiro grupo dedicado somente à *stand-up comedy* do Brasil. Em São Paulo, o “Clube da Comédia” foi o primeiro grupo, sendo assim, o segundo do Brasil. O “*Mondo Cane*” já existia, porém o “Comédia em Pé” foi o primeiro a se configurar como um grupo e somente de *stand-up comedy*. Mansfield entrou em contato com Claudio Torres Gonzaga (integrante do grupo carioca) para informá-lo de que formaria o “Clube da Comédia *Stand-up*”, em São Paulo, e este disse não haver problema, pois, no Rio, o nome do grupo era “Clube da Comédia em Pé”.

peças, não comportava mais o público que ia assistir às apresentações. Então, mudaram-se para o Bar *Mr. Blues* (capacidade: 150 pessoas). As apresentações lotadas levaram o grupo a realizar duas sessões até terem que realizar uma nova mudança. Agora, no Bar *Bleeker Street* (capacidade: 300 pessoas), a situação se repetiu: apresentações lotadas, duas sessões. Com isso, a solução foi passarem, finalmente, para teatros com mais de 500 lugares. Realizaram, então, temporadas no Teatro Procópio Ferreira e, atualmente (2011), encontram-se em cartaz no Teatro Frei Caneca, com capacidade para 600 pessoas.

A primeira formação do grupo contou com: Marcelo Mansfield, Rafinha Bastos, Marcela Leal, Oscar Filho, Márcio Ribeiro e Henrique Pantarotto. Depois, Diogo Portugal entrou no lugar de Henrique. Na metade do segundo ano de existência, Márcio Ribeiro deixou o grupo e, em seu lugar, entrou Danilo Gentili. Em 2011, o grupo passou a ter um novo integrante, o jovem comediante Patrick Maia.

No fim de 2005, Mansfield deixou o elenco do “Terça Insana” para se dedicar somente ao “Clube da Comédia *Stand-up*”. E, de todos que passaram pelo elenco do grupo, somente Henrique Pantarotto não continua a realizar apresentações de *stand-up comedy* nos dias de hoje.

O grupo não costumava ter convidados em suas apresentações, como nota Mansfield (*ibidem*). Estes ficaram mais freqüentes a partir da temporada no Teatro Procópio Ferreira. Já o momento “*Open Mic*” (“microfone aberto” – espaço oferecido a iniciantes e/ou aspirantes a comediantes, para testarem seus textos de até 5 minutos) ocorre desde a época do “*Mundo Cane*”. A entrada de Danilo Gentili no grupo se deu através de sua participação nesse momento. Os integrantes o convidaram para o elenco após ele se destacar em suas apresentações, mesmo sendo de poucos minutos. Mansfield faz questão de enfatizar que “*Danilo não tinha curso de teatro, era um garoto de internet e desenvolveu toda a comédia dele fazendo. Ele é um autodidata. Todos os outros já tinham algum envolvimento com teatro*” (*ibidem*).

Já Diogo Portugal foi entrevistado no “Programa do Jô”, na TV Globo, após sua entrada para o grupo. Lá, ele mencionou os *shows* que participava em Curitiba e em São Paulo, e, ao final da entrevista, apresentou alguns de seus textos de *stand-up*.

Em seguida, o vídeo da sua participação no programa ganhou destaque na internet e o “Clube da Comédia *Stand-up*” viu seu público aumentar significativamente. Isso também foi um dos motivos que levou o grupo a buscar espaços maiores para realizar as apresentações, como exposto anteriormente.

1.3. Comédia em Pé

Como informado anteriormente, pouco antes da fundação do “Clube da Comédia *Stand-up*”, em São Paulo, no Rio de Janeiro, o “Comédia em Pé” tornou-se o primeiro grupo brasileiro somente de *stand-up comedy*, iniciando suas atividades em fevereiro de 2005. Foi o primeiro a se organizar como grupo no modelo clássico, ou seja, com comediantes apresentando somente textos de *stand-up*.

A estreia aconteceu em uma livraria do Shopping Rio *Design* Leblon e, em sua primeira formação, o grupo era composto por Claudio Torres Gonzaga, Paulo Carvalho, Fernando Ceylão e convidados¹¹.

“Com essa primeira formação, o grupo se apresentou por três meses e interrompeu suas atividades por cerca de um ano e meio” (CARUSO, 2009, p. 5). Em outubro de 2006, o grupo foi convidado a se apresentar em um projeto intitulado “OFF-BESTEIROL¹²”. Desta vez, o elenco foi formado por: Claudio, Paulo (os únicos da primeira formação), Fernando Caruso, Fábio Porchat e Patrícia Pinho. Posteriormente, realizaram quatro apresentações lotadas em um bingo e com a formação que viriam a ter pelos próximos anos: Claudio Torres Gonzaga, Fábio Porchat, Fernando Caruso e Paulo Carvalho.

Em seguida, foram convidados a realizar temporadas em dois locais, simultaneamente: no Espaço Rogério Cardoso, que fica na Casa de Cultura Laura Alvim (100 lugares), em Ipanema, e no Teatro dos Grandes Atores (400 lugares), na Barra da Tijuca. O grupo aceitou ambos convites e ficou em cartaz em duas regiões da cidade (Zona Sul e Zona Oeste).

¹¹ “[...] numa mesma noite estavam lá, além dos fixos, Diogo Portugal, Rafinha Bastos e Bruno Motta.” (CARUSO, 2009, p. 05)

¹² “O *besteiral*, do jeito que foi formatado entre os cariocas na década de 1980, é um gênero teatral bastante específico: é um espetáculo de esquetes que costuma ser defendido por uma dupla de atores (ou atrizes) que vive muito de referências e citações de filmes, peças, programas de TV e da observação do comportamento urbano da zona sul carioca. Seu humor é inteligente e exige da plateia uma certa dose de informação para ser melhor usufruído e vive muito da paródia.” (MARINHO, 2004, p. 11-12)

Em Ipanema, a abertura das apresentações era realizada pela banda composta por Tomas Gonzaga (piano), Rafael Fortes (sax) e pelos comediantes: Fernando Caruso (voz e violão), Claudio Torres Gonzaga (baixo e clarinete) e Paulo Carvalho (percussão). Essa ideia repercutiu tão bem, que foram convidados a se apresentar neste formato (banda de abertura e *show* de *stand-up*) em salas da rede de cinemas UCI, na Barra da Tijuca/RJ. Tratava-se da primeira vez que um espetáculo teatral era apresentando em uma sala de cinema. E não havia exibição do filme antes ou depois da apresentação. Em uma das salas do complexo de cinemas, a última sessão era o espetáculo. O pioneirismo dessa iniciativa, no Brasil, obteve grande sucesso de público, tanto que o projeto foi realizado em São Paulo e, depois, em estados como: Bahia, Paraná, Ceará e Pernambuco.

Mesmo viajando pelo país, o “Comédia em Pé” sempre realizou apresentações em sua cidade de origem (entre os teatros pelos quais passaram, estão o Teatro das Artes – 500 lugares – e o Teatro Miguel Falabella – 456 lugares), e já chegou a estar em temporada, na mesma semana, em três cidades diferentes: Rio de Janeiro, São Paulo e Petrópolis.

Em setembro de 2008, o grupo atingiu duas importantes marcas: primeiro grupo brasileiro de *stand-up comedy* a se apresentar numa grande casa de espetáculos, o Canecão (tradicional casa de *shows* do Rio de Janeiro – atualmente, encontra-se fechada), que possui capacidade para quase 2000 pessoas; e o primeiro grupo de *stand-up* brasileiro a lançar um DVD¹³.

Em seguida, o comediante curitibano Léo Lins foi convidado a juntar-se aos outros integrantes do grupo, estabelecendo a formação atual (2011): Claudio Torres Gonzaga, Fábio Porchat, Fernando Caruso, Léo Lins e Paulo Carvalho.

Hoje, estão próximos da marca de 1000 apresentações e já chegaram a fazer mais espetáculos do que os dias do ano, sendo até 10 sessões semanais.

Logo em seu início, o grupo determinou regras para as apresentações com o intuito de estabelecer as características do gênero¹⁴. Baseados no livro “*Stand-up Comedy: The Book*” (1989), da comediante norte-americana Judy Carter, e através

¹³ O DVD foi lançado na apresentação no Canecão e é composto por imagens gravadas em temporadas passadas do grupo.

¹⁴ Tais regras iriam mais além, servindo de base para os novos grupos e novos comediantes que surgiriam a partir daquele momento.

de uma releitura do "Dogma 95"¹⁵, os comediantes do grupo criaram seu próprio dogma. Para se apresentar com eles, deve-se aceitar as seguintes regras:

1. O comediante só pode se apresentar sozinho. Jamais em dupla ou grupo;
2. Só é permitido se apresentar com texto próprio. Não pode usar piadas que já caíram em uso popular ou foram recebidas pela internet. Muito menos usar aquele truque muquirana de contar a anedota como se o fato tivesse acontecido de verdade, tipo "eu tenho um tio português...";
3. Não pode fazer personagem. Também não vale transformar a si mesmo em personagem ou usar figurinos engraçados. Use roupas que você usaria normalmente, no dia-a-dia;
4. Evitar contar casos. O material deve ser preferencialmente de tópicos de observação;
5. Deixar bem clara a persona de cada um. Não tente fingir ser quem você não é. Seja você mesmo, sempre. Se você é mal humorado, seja assim no palco, por exemplo. E se em determinado dia você estiver de saco cheio, assumo; se estiver eufórico, idem; assumo o seu estado diante da plateia. Aliás, é importante também tentar trazer sua rotina pro mais perto de você o possível. Se o comediante for judeu, em algum momento fale de judeu, se for gay, fale sobre gays, se for nerd, fale sobre ser nerds etc;
6. Não é permitido o uso de trilha sonora ou qualquer tipo de sonoplastia;
7. Não é permitido fazer nenhuma marcação de luz. Use apenas a iluminação básica do palco;
8. Não é permitido o uso de cenografia ou adereço;
9. Os comediantes podem e devem testar "material" novo diante da plateia. Vale desde improvisar tendo apenas o tópico em mente até ler as piadas, caso elas não estejam decoradas ainda;
10. Não forçar a barra. Se você tem apenas cinco minutos de material, faça uma apresentação de cinco minutos e saia. Tudo bem. Não enrole. As apresentações, aliás, serão sempre de 5, 10 ou 15 minutos. (site¹⁶)

1.4. Outros comediantes e grupos

Há outros comediantes e grupos que atuaram nessa retomada da *stand-up comedy* no Brasil.

Em Curitiba, Diogo Portugal realizava espetáculos do gênero, que eram alternadas com apresentações em São Paulo, no "Clube da Comédia *Stand-up*", quando passou a ser integrante deste grupo, conforme foi explicitado anteriormente.

Além disso, desde 2004, Diogo é o curador do "Risorama", que faz parte da programação do "Festival de Teatro de Curitiba" e nasceu do intuito do comediante e da organização do festival em criar um núcleo de humor paralelo à mostra tradicional.

¹⁵ "Criado pelos cineastas dinamarqueses Lars von Trier e Thomas Vinterberg por um cinema menos comercial." <<http://comediaempe.com.br/principal.php?page=dogma.php>>

¹⁶ *ibidem*

O evento reúne os principais comediantes de *stand-up* do Brasil em sua programação e muitos dos hoje consagrados começaram lá sua formação de plateia, já que este era o único lugar que reunia um público de mais de 800 pessoas para um noite inteira dedicada somente ao humor.

Também em Curitiba, em 2007, o grupo “Santa Comédia” é fundado pelos comediantes Fábio Lins, Léo Lins¹⁷ e Marco Zenni, que se apresentam até hoje às segundas-feiras, no bar Santa Marta, com a seguintes formação: Afonso Padilha, Marco Zenni e Vitor Hugo. Foi o primeiro “*show semanal exclusivo de stand-up comedy criado no Sul do país*” (site¹⁸).

Em 2008, o grupo entrou em cartaz no Bar *Mr. Blues*, em São Paulo, aos domingos, apresentando-se, simultaneamente, nas duas capitais. No mesmo ano, transferiram-se para o Bar *Bleeker Street*, onde encontram-se atualmente, também aos domingos.

Em São Paulo, em 2006, foi criado o “Comédia ao Vivo”. Formado por Danilo Gentili, Henrique Pantarotto e Márcio Ribeiro, o grupo, inicialmente, realizava apresentações na cidade de Santo André, na região do ABC Paulista. Pouco tempo depois, foram para São Paulo, estiveram em cartaz no Bar Ao Vivo por um período, até se transferirem de vez para o Teatro Renaissance com o elenco totalmente renovado e composto por: Dani Calabresa, Fabio Rabin, Luiz França e Marcelo Adnet.

Murilo Gun é o primeiro representante do gênero vindo do Nordeste. Ele começou a fazer *stand-up comedy* em sua cidade natal, Recife, em 2006, e foi até São Paulo participar do “*Open Mic*” do “Clube da Comédia *Stand-up*”.

Para suas apresentações em bares da capital pernambucana, levava convidados, como: Márcio Ribeiro, Bruno Motta, Claudio Torres Gonzaga, Fernando Caruso, Danilo Gentili, Marcelo Mansfield, Oscar Filho e Fábio Porchat. Também organizou o “Circuito Bavaria *Premium de Stand-up Comedy*”, que passou por diversos bares da cidade, e participou da turnê do “Comédia em Pé” pelos cinemas de Recife e Salvador.

¹⁷ Com o convite para integrar o elenco do “Comédia em Pé”, Léo Lins deixa o grupo e, em seu lugar, entra o comediante Victor Hugo.

¹⁸ <<http://www.destaque.sp.com/index.php/Cultura/Teatro/santa-comedia.html>>

Capítulo II

A comédia e o riso no gênero *stand-up*

O termo *stand-up comedy* passa a ser utilizado no Brasil pelo “Comédia em Pé” que, por ser o primeiro grupo do gênero, apresenta-se como “O primeiro grupo de *stand-up comedy* do Brasil”.

Eles traduziram de forma literal o termo e o patentearam, mesmo assim este continua a ser utilizado para designar a *stand-up comedy* no país.

Danilo Gentili compartilhou uma opinião em entrevista à Marília Gabriela sobre isso:

Acho que o termo 'comédia em pé' é mais um trocadilho, que não traduz o stand-up. A comédia stand-up não é literalmente 'ficar em pé', mas 'olha, estou em pé aqui, porque estou dando uma opinião'. Tem mais a ver com a postura do que com o ato físico de ficar em pé. Atitude de ficar em pé e falar. (entrevista¹⁹)

Trata-se de uma possível e bem apropriada leitura, além de apresentar uma das principais características do gênero, que com o surgimento de grupos e comediantes, foi se estabelecendo no Brasil e a compreensão de seu funcionamento tornando-se mais clara. O dogma²⁰ criado pelo “Comédia em Pé” auxiliou nesse processo.

A exigência em se utilizar somente textos próprios reforça a importância de textos autorais dentro do gênero e, conseqüentemente, a preferência por tópicos de observação e não casos, como utilizam-se geralmente nas piadas tradicionais e conhecidas por todos.

¹⁹ Dito no programa "De Frente com Gabi", exibido em 17 de abril de 2011, no canal SBT.

²⁰ Apresentado no Capítulo I, p.12.

Sem os recursos utilizados pelos atores em outros espetáculos de comédia (figurinos, adereços, cenografia, trilha sonora, marcação de luz, interpretação de personagens), o comediante busca o risível pela situação vivenciada outrora, e, agora, relatada.

Como aponta Lins (2009, p. 16), “o comediante stand-up traz uma grande verdade e honestidade, pois ele não usa máscaras, figurinos ou adereços”.

Com isso, a aproximação entre o que o comediante é em sua vida cotidiana do que ele irá apresentar no palco, torna-se maior. Reforçando um dos itens do dogma que diz:

Não tente fingir ser quem você não é. Seja você mesmo, sempre. Se você é mal humorado, seja assim no palco, por exemplo. E se em determinado dia você estiver de saco cheio, assuma; se estiver eufórico, idem; assuma o seu estado diante da plateia. (site²¹)

Na *stand-up comedy*, a abordagem da temática cotidiana nos textos é predominante e isso gera uma identificação imediata do público com o que está sendo apresentado no palco. Muitas vezes, o riso é provocado pela cumplicidade do espectador por já ter passado por situação semelhante à apresentada.

Porém, Fábio Porchat atenta para o fato de que há:

coisas que são tão incríveis, mas só são incríveis, porque são verdades. Mas quando você leva para o palco, não tem graça, porque o público parte do princípio que no palco tem um tom de exagero e aquilo ali, na vida real, é exagerado, para o palco, é pouco. E se você não fizer piada em cima daquilo, não acontece nada. (DVD²²)

Steve Martin, um dos principais comediantes norte-americanos, explica como criava seus textos:

‘Se eu rio na minha vida diária’, pensei, ‘por que não tentar observar o que exatamente me faz rir?’ E, sempre que eu percebia algo que achava engraçado, decidi que não iria levar para o palco como se fosse uma história acontecida com um alguém qualquer, mas sim transferir a ação para a primeira pessoa, de modo que o personagem central fosse eu mesmo. Não era piada do sujeito que entrou no bar, fui eu que entrei. Eu não queria subir ao palco para mostrar como as pessoas são malucas; queria mostrar que o maluco era eu. (MARTIN, 2008, p.77)

²¹ <<http://comediaempe.com.br/principal.php?page=dogma.php>>

²² Dito em entrevista que encontra-se nos extras do DVD “Comédia em Pé – Volume 2” (2010).

Na grande maioria das vezes, para a elaboração de seu texto, o comediante *stand-up* o faz como em uma caricatura, que como explicita Bergson (2007, p.19), capta movimentos imperceptíveis e os amplia, tornando-os visíveis para todos. Para isso, utiliza-se de variados artifícios.

Claudio Torres Gonzaga diz (DVD²³) que Léo Lins passou um dia inteiro em uma praça, observado o comportamento dos pombos, pois queria escrever um texto sobre eles.

Com o passar do tempo e a dedicação despendida à criação de novos textos, periodicamente, o comediante se acostuma e concebe seu próprio processo. Muitas vezes, isso torna-se natural, como eles mesmos reconhecem. Paulo Carvalho afirma que *“o olhar do comediante já está treinado para isso [em relação ao olhar diferenciado sobre as situações do dia a dia]. Você vai buscar o insólito na normalidade”* (*ibidem*) e Danilo Gentili reconhece que nada passa despercebido: *“A visão do comediante tem que estar sendo exercitada a todo momento”* (entrevista²⁴). E quando há um afastamento da vida cotidiana e semelhante à da maioria das pessoas, ele pode sofrer com isso. Claudio Torres Gonzaga reconhece que:

para ser comediante, se você não viver, não tem jeito. Então, eu acho que quando o cara fica muito famoso, quando ele deixa de ter uma vida normal, ele vai acabando perdendo a capacidade de fazer piada. (DVD²⁵)

Bruno Motta coloca que *“não há nada mais engraçado que o cotidiano e as neuroses urbanas elevadas num grau máximo de bom humor”* (site²⁶), o que pode ser considerado o grande ponto de partida em comum dos textos dos comediantes de *stand-up*. Cada um analisa e expõe ao público esses fatos com uma visão diferenciada e própria. E essa abordagem está presente na vida do ser humano há muito tempo:

(...) os homens primitivos (...) imitando os próprios homens, buscavam observarem-se a si mesmos ‘de fora’, talvez utilizando o riso e o deboche como embrião de uma forma de a sociedade autocriticar-se através da representação de seus costumes cotidianos. (PEIXOTO, 1985, p.15)

²³ Dito em entrevista que encontra-se nos extras do segundo DVD do “Comédia em Pé” (2010).

²⁴ Dito no programa “De Frente com Gabi”, exibido em 17 de abril de 2011, no canal SBT.

²⁵ Dito em entrevista que encontra-se nos extras do segundo DVD do “Comédia em Pé” (2010).

²⁶ <<http://www.brunomotta.com.br/standupcomedy/>>

Com isso, confirma-se que a presença do riso e sua função social é antiga e está presente até hoje. Bergson afirma que:

para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu meio natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar a sua função útil, que é uma função social. [...] O riso deve corresponder a certas exigências da vida comum. (BERGSON, 2007, p.06)

A *stand-up comedy* está diretamente ligada ao cotidiano social. Uma das principais características desse gênero é voltar-se para ele e, através de seus textos, comprovar que “[...] a vida de todos os dias não pode ser recusada ou negada como fonte de conhecimento e prática social” (CARVALHO, 2003, p.15).

E, frequentemente, embutida à abordagem desses temas, está a crítica social. Danilo Gentili sintetizou muito bem a relação do comediante com esta frase: “O humorista é o agente que usa a piada como um lapso de sinceridade no cotidiano hipócrita” (entrevista²⁷).

A linguagem da comédia é constantemente utilizada com a função de crítica social e/ou política, e, na *stand-up comedy*, não é diferente. Muitas vezes uma observação apresentada em meio a um texto, serve como um alerta para um problema ou situação esquecida pela sociedade. Sabe-se que “o humor é divertido e sério ao mesmo tempo; é uma qualidade vital da condição humana” (DRIESSEN, 2000. p.251).

Pode-se tomar como exemplo a Grécia Antiga. Naquela época, sabia-se que:

O humor podia ser perigoso, e seu lugar na cultura tinha de ser limitado a ocasiões estritamente definidas. Os gregos sabiam muito bem que o riso poderia conter um lado muito desagradável. (BREMNER, 2000, p.30)

Da mesma forma, sabe-se que a censura a piadas, textos e certas temáticas²⁸ nunca será a melhor decisão a ser tomada. E, sem dúvida, a discussão sobre os limites para o humor e para comédia, em geral, ainda irá gerar muitas opiniões. Porém, algo deve ser admitido:

²⁷ Dito no programa "De Frente com Gabi", exibido em 17 de abril de 2011, no canal SBT.

²⁸ Em 1º de julho de 2010, uma norma foi regulamentada por resolução do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), proibindo a veiculação, por rádio ou TV, de entrevistas ou montagens que degradassem ou ridicularizassem candidatos, partido ou coligação durante o período de campanha eleitoral daquele ano. Humoristas mobilizaram-se e organizaram o movimento “Humor Sem Censura” pela internet, que culminou em uma passeata na praia de Copacabana, em 22 de agosto de 2010. Seis dias após o protesto, a decisão foi derrubada.

Desfrutar livremente o humor e o riso é a marca de uma comunidade tranquila, aberta, não de uma ideologia ascética ou de uma sociedade tensa. (BREMMER, 2000, p.44)

Podem ser até mesmo situações desconfortantes ou que não tragam boas lembranças, que exponham os problemas da sociedade contemporânea. Nesse caso, o comediante também apoia-se em situações pelas quais grande parte dos espectadores presentes passaram.

Nada mais triste que o riso. [...] Por isso, a intenção dos autênticos escritores de comédia – quer dizer, os mais profundos e honestos – não é, de modo algum, unicamente divertir-nos, mas abrir despidoradamente nossas cicatrizes mais doloridas para que as sintamos com mais força. (FELLINI apud ARÉAS, 1990, p.8)

Dessa forma, percebe-se a aproximação e necessidade da vida cotidiana para a comédia, que não deixa de ser “[...] *uma brincadeira, uma brincadeira que imita a vida*” (BERGSON, 2007, p.50).

Outro ponto importante e constante nos textos é o imediatismo em relação às situações ali apresentadas. Fatos ocorridos naquela semana, até mesmo no dia, já são abordados pelos comediantes.

[...] é bem conhecida a afirmação de Cícero de que a comédia é uma imitação da vida, um espelho dos costumes e uma imagem da verdade (mais que a tragédia, a comédia dependia de interesses locais e imediatos da audiência). (ARÉAS, 1990, p.18).

Muito devido ao apresentado até aqui, a *stand-up comedy* é avaliada como um dos gêneros da comédia mais difíceis de ser executado, pois o comediante depende de uma resposta imediata do público para o bom andamento da apresentação. Muitas vezes, altera-se tudo ou grande parte do que se havia planejado anteriormente, devido à recepção da plateia, seja observando quem se apresentou anteriormente ou percebendo isso após os primeiros minutos no palco. E o processo de criação de um texto não é dos mais simples.

Comediantes atravessam até mesmo anos para, enfim, adquirirem um texto de quarenta e cinco minutos (apresentações solo têm, em média, sessenta minutos). Para isso, executam trechos dele inúmeras vezes e a cada apresentação, o lapidam de acordo com a resposta do público, visando a um maior aperfeiçoamento do texto

como um todo. “A regra é a seguinte, se uma piada não funciona ou não funciona muito bem, das duas uma: cortar ou editar” (LINS, 2009, p. 91).

Analisando a estrutura desses textos, nota-se algo em comum a muitos deles e a textos cômicos, em geral. O comediante Marcelo Mansfield afirma:

O texto de stand-up segue uma estrutura. Um exemplo: ‘Toda a minha família mente a idade. Na semana passada, eu concluí que minha mãe é três anos mais nova que eu’. A primeira frase é a preparação, a segunda é a piada em si. (site²⁹)

E outros estudiosos da comédia confirmam:

[...] em geral os estudiosos compreendem três termos na comunicação cômica:

- a) um sujeito, que deseja provocar a comicidade [...];*
- b) o objeto cômico do qual se ri, ou material utilizado para provocar a comicidade;*
- c) O espectador ou público, ou seja, a pessoa que ri. (ARÊAS, 1990, p.25)*

[...] o riso é um fenômeno cultural. De acordo com a sociedade e a época, as atitudes em relação ao riso, a maneira como é praticado, seus alvos e suas formas não são constantes, mas mutáveis. O riso é um fenômeno social. Ele exige pelo menos duas ou três pessoas, reais ou imaginárias: uma que provoca o riso, uma que ri e outra de quem se ri, e também, muitas vezes, da pessoa ou das pessoas com quem se ri. É uma prática social, com seus próprios códigos, seus rituais, seus atores e seu palco. (LE GOFF, 2000, p.65)

E até mesmo “Freud assinala que, para haver uma piada, são precisos não um ou dois, mas três componentes: o ator da piada, o alvo da piada e o ouvinte” (BENTLEY, 1967, p. 21).

Ou seja, trata-se de uma estrutura comum que é seguida e pode ser verificada em alguns trechos de textos de comediantes.

Por exemplo: “Minha vizinha é tão gorda que bate a vitamina na máquina de lavar roupa” (Marcela Leal³⁰). Nesse caso, a comediante é o sujeito, é o ator (no caso a atriz) da piada, quem provoca o riso e a comicidade; o alvo, o objeto cômico de quem se ri é a vizinha gorda; e quem ri é o ouvinte, o espectador ou o leitor, dependendo da situação.

²⁹ <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2221/curso-stand-up>>

³⁰ No ambiente de um teatro ou de um bar, este trecho estaria dentro de um set (“Conjunto de piadas relacionadas sobre um mesmo tópico.” (LINS, 2009, p.160)) com piadas testadas, escolhidas e vinculadas a um contexto, possivelmente sobre pessoas gordas ou vizinhança da comediante.

Com essa análise, confirmam-se outras duas sentenças: *“Obtém-se uma frase cômica inserindo-se uma ideia absurda num molde frasal consagrado”* (BERGSON, 2007, p.83) e *“obtém-se efeito cômico transpondo para outro tom a expressão natural de uma ideia”* (*ibidem*, pg.92).

Ambas situações estão presentes no texto de Marcela Leal, visto que ela, para provocar o riso, retira a ação de bater a vitamina do seu ambiente comum – que seria em um liquidificador – e a transfere para uma máquina de lavar, para associá-la a ideia de grandeza, também gerada a partir da ideia de sua vizinha ser gorda. Dessa forma, chega-se ao efeito cômico.

Apresentadas algumas características do gênero, a seguir será analisado como este se expandiu pelo Brasil utilizando-se da convergência das mídias.

Capítulo III

***Stand-up comedy* e as mídias: a convergência em benefício à expansão do gênero**

Os primeiros comediantes *stand-up* do Brasil encontraram-se graças à internet. A reunião virtual se transformou no espetáculo “*Mondo Cane*” e, posteriormente, no “Clube da Comédia *Stand-up*”, como já explicitado. Anterior a isso, alguns comediantes, por serem atores, faziam vídeos de humor e postavam em suas contas no site *YouTube*. Rafinha Bastos, por exemplo, era conhecido por seus clipes-paródias de músicas famosas de artistas populares, como Kelly Key e Latino. Outros que já realizam apresentações interpretando personagens, também tinham seus vídeos disponibilizados na internet. Ou seja, este foi o momento anterior aos vídeos de apresentações de *stand-up* se multiplicarem pela rede mundial de computadores.

Além disso, assistir, pela internet, a vídeos de comediantes estrangeiros, que já praticavam esse tipo de comédia há anos em outros países, possibilitou a difusão do conhecimento acerca do gênero no Brasil e, conseqüentemente, sua expansão. O que levou pessoas com ambições em comum a se reunirem e organizarem grupos em várias cidades. Hoje, uma parte das capitais brasileiras³¹ possui, pelo menos, um grupo de *stand-up comedy* se apresentando com frequência em um teatro ou bar.

A partir de então, o encaminhamento para outras mídias tornou-se natural, diante da relevância e repercussão alcançadas.

O que começa a acontecer aqui é que alguns dos artistas de stand-up vêm fazendo participações especiais em programas de televisão em horário nobre, enquanto outros usam sua experiência nos palcos para criar um novo tipo do humorismo, adaptado à linguagem do novo veículo. É o caso

³¹ Com maior concentração nas regiões sudeste e sul, além de Belém, Brasília e Recife.

do grande sucesso recente do humorismo brasileiro CQC [...]. (FRANCO, 2009, p. 73)

O programa citado acima estreia, em 2008, na Rede Bandeirantes de Televisão. Importado da Argentina, trata-se de um formato bem sucedido em outros países da América do Sul e da Europa, que mistura jornalismo e humor. O nome em português foi adaptado para “CQC – Custe o Que Custar” (no original, “*Caiga Quien Caiga*”) e os produtores buscaram comediantes *stand-up* para assumirem postos da bancada do programa e também de repórteres.

É exibido, semanalmente, ao vivo, às segundas-feiras, com três apresentadores em um estúdio, que também conta com plateia. Rafinha Bastos e Marco Luque (conhecido por seus personagens no espetáculo “Terça Insana” e que, após sua entrada para o programa, começou a se apresentar fazendo *stand-up*) são escolhidos para serem dois dos três âncoras (o terceiro posto foi ocupado por Marcelo Tas, um dos criadores da versão nacional do programa), Oscar Filho e Danilo Gentili, repórteres.

Desde então (atualmente, em seu quarto ano de exibição), o “CQC” alcançou notório sucesso, ganhou muitos prêmios (entre eles, o de Melhor Programa Humorístico pela Associação Paulista de Críticos de Arte em 2008 e pelo Troféu Imprensa nos anos de 2008, 2009 e 2010) e, dos oito integrantes atuais, somente dois não realizam apresentações com seus próprios solos de *stand-up comedy*. Inclusive, em 2009, no concurso realizado para a escolha do oitavo integrante, grande parte dos candidatos eram comediantes do gênero e de várias partes do Brasil. A exemplo disso, a comediantes Carol Zoccoli, segunda colocada, é uma das principais representantes femininas da *stand-up* brasileira.

Ainda na televisão, na Rede Globo, a partir de 2008, o programa “Altas Horas”, comandado por Serginho Groisman, recebe comediantes, como Bruno Motta, Fábio Porchat, Fernando Caruso, Luiz França entre outros, para realizarem três inserções de 5 minutos ao longo do programa com textos de *stand-up*.

Também na Rede Globo, o “Programa do Jô”, o mais tradicional *night show* brasileiro, apresentado pelo comediantes Jô Soares, passou a contar com o quadro “Humor na Caneca” a partir de 2009. Trata-se de um momento ao fim do programa, no qual um comediantes *stand-up* se apresenta com texto de 5 a 10 minutos.

Semelhante ao que foi realizado por Jô, o humorístico “A Praça é Nossa”³², do SBT, abriu espaço para o *stand-up* ao incluir a apresentação de um comediante diferente a cada semana mostrando 5 minutos do seu material logo na abertura do programa.

Dessa forma, os espectadores, acostumados com um tipo de comédia mais tradicional apresentado neste programa, tomam conhecimento de outras possibilidades dentro do mesmo gênero. Além disso, após a exibição, os vídeos dessas apresentações já encontram-se na internet, possibilitando os jovens, que não são o público-alvo do programa, a assistirem às apresentações.

A partir de 2008, a MTV, canal com audiência composta essencialmente por jovens – que são a grande maioria do público em apresentações de *stand-up comedy* –, contrata comediantes para tomar a frente de novos programas da emissora.

Dani Calabresa, Fábio Rabin e Marcelo Adnet, juntamente a outros comediantes de espetáculos de improviso ou que interpretavam personagens já conhecidos no teatro e na internet, são contratados pela emissora, que passa a ter programas humorísticos em meio à sua programação predominantemente musical.

Atrelado ao fortalecimento do gênero nas mídias estão os dois primeiros e, até o momento, únicos *comedy clubs* do país: o “Curitiba Comedy”, no Paraná, e o “Comedians”, em São Paulo.

Tradicionais e já consolidados em outros países, essencialmente nos Estados Unidos, eles são ambientes que reúnem em um mesmo espaço um palco para apresentações de comédia, uma plateia composta mesas e cadeiras e um bar.

O “Curitiba Comedy” foi inaugurado em março de 2010, enquanto acontecia o Festival de Curitiba, e serviu de palco para a programação *off-Festival*, abrigando apresentações solo de comediantes que estavam na cidade para participar do “Risorama” (fato que se repete até hoje). Nos outros períodos do ano, apresentam-se na casa comediantes e grupos locais, além de outros já conhecidos pelo país.

Em São Paulo, a inauguração do “Comedians” ocorreu em outubro de 2010. O espaço foi idealizado por Danilo Gentili, Rafinha Bastos e Ítalo Gusso (empresário de ambos) e conta com palco pequeno e baixo, salão sem colunas (para que todos tenham visão total independente do local onde estejam) e mesas e cadeiras

³² No ar desde a década de 1950, passando por várias emissoras e com outros nomes, mas sempre com o mesmo formato: um banco de praça pelo qual passam personagens cômicos

espaçadas e em alturas diferenciadas (para facilitar a movimentação dos garçons e a visibilidade do palco de qualquer ponto da plateia). Conforme diz Rafinha, “o projeto foi todo pensado por comediantes, por isso cada detalhe garante conforto e boa visibilidade ao público” (site³³).

A programação semanal ocorre de quarta-feira (dia dedicado à improvisação) a domingo, chegando a serem realizadas até cinco sessões em uma mesma noite. Quando há feriados às segundas e/ou terças-feiras, a programação semanal é estendida para esses dias devido à grande procura do público. A capacidade é de 300 pessoas por sessão.

Danilo também atacou em outras frentes. Aproveitando que 2010 era ano de eleições para os cargos de presidente, governador, senador, deputado federal e estadual, e quando o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva exercia seu último ano de mandato e realizava campanha para a candidata Dilma Rousseff, de seu partido (PT), substituí-lo, o comediante planejou realizar uma única apresentação, no Teatro Nacional, em Brasília, de um espetáculo inédito intitulado “Politicamente Incorreto” e com o subtítulo “Ria deles, antes que eles riam de você!”, no qual todo seu texto seria inédito e, exclusivamente, sobre política.

A apresentação foi marcada para a antevéspera da eleição e acabou transformando-se em duas, devido à enorme procura pelos ingressos. A primeira, às 18h, foi uma espécie de aquecimento, pois a segunda, às 21h, foi transmitida ao vivo pelo portal UOL, alcançou grande número de acessos e tornou-se um dos assuntos mais comentados nas redes sociais naquele momento e até mesmo dias após sua exibição.

Danilo contou com auxílio de outros amigos comediantes para escrever todo o texto que abordava, dentre outros assuntos políticos, as peculiaridades dos candidatos à presidência naquele ano (Dilma Rousseff, José Serra, Marina Silva e Plínio Arruda), os antigos escândalos políticos nacionais e outros que vieram à tona no ano da eleição.

No final do mesmo ano, o texto integral (e com eventuais piadas esquecidas pelo comediante no palco) foi lançado em um livro e a apresentação, em DVD, ambos com o mesmo título do espetáculo.

³³ <<http://guia.folha.com.br/teatro/ult10053u815151.shtml>>

Ainda em 2010, dois outros comediantes lançaram livros com textos elaborados durante os anos de carreira. Maurício Meirelles (comediante carioca, que iniciou sua carreira no fim de 2007 e integra o elenco do espetáculo “Seleção do Humor *Stand-up*”, em São Paulo), reuniu seus textos em “E se o *stand-up* virasse livro?”, sendo esse o primeiro *show* de comédia impresso de um brasileiro.

E Fernando Ceylão, que esteve na primeira formação do “Comédia em Pé”, lançou “Cabeça de Gordo” (2010). O livro não é a transcrição dos textos de *stand-up* que apresenta, porém, em meio às temáticas escolhidas (como explicitam os nomes dos capítulos: “Cabeça de Artista”, “Cabeça de Místico”, “Cabeça de Mentiroso” etc), estão incluídos trechos de assuntos que aborda nos *sets* de seus *shows* solo.

Um ano antes, em 2009, o primeiro grupo do gênero no Brasil lançou “Comédia em Pé – O livro”, que traz um resumo da história do grupo, o dogma criado pelos comediantes e um capítulo escrito por cada um deles, no qual expõem como tornaram-se comediantes, o primeiro contato com o *stand-up* (Léo Lins, por exemplo, é formado em Educação Física) e trechos do que apresentaram e apresentam no palco desde 2005. Além disso, são os únicos que possuem dois DVDs lançados (2008 e 2010).

Em 2006, o “Clube da Comédia *Stand-up*” lançou um CD com a gravação de uma apresentação do grupo no teatro. Trata-se do primeiro registro em áudio (e, até hoje, único) integralmente de *stand-up* do Brasil. Porém, até hoje, o grupo ainda não lançou registro em vídeo.

No mesmo ano de lançamento do livro do grupo do qual é integrante, Léo Lins lançou “Notas de um comediante *stand-up* – O 1º guia feito para quem quer se tornar um especialista na arte de escrever e contar piadas”. É uma leitura importante para quem pretende seguir a carreira de comediante, pois nele, o autor fala desde a estrutura de construção de uma piada até como montar um grupo de *stand-up comedy*.

Para tratar desses assuntos, Léo utiliza-se de suas próprias anotações feitas sempre após cada apresentação (e que ele diz continuar a fazer até hoje). Nelas estão: os pontos positivos e negativos das piadas apresentadas a cada noite (“o quanto de ensaio é bom” (LINS, 2009, p.56.) e “a piada não funciona” (*ibidem*)) até situações pelas quais passou durante uma apresentação.

O livro traz um apanhado do que acontece, geralmente, na vida de um comediante ao se apresentar nos mais diversos espaços e para os mais variados públicos. Ao final, ele traz um glossário com termos utilizados exclusivamente pelos comediantes *stand-up*³⁴.

Rafinha Bastos, atuante no cenário da *stand-up comedy* desde sua retomada no Brasil, lança, somente em 2011, o DVD de seu primeiro espetáculo solo, “A arte do insulto”, gravado em uma apresentação especial no “Comedians”, no início desse mesmo ano. Em poucos meses, alcançou a marca de 25 mil cópias vendidas.

Esse DVD foi lançado, simultaneamente, através de exibição na íntegra pelo canal oficial de Rafinha Bastos no *YouTube*, e no evento “Risadaria”, em São Paulo, no qual o comediante estreou seu segundo espetáculo solo intitulado: “Apenas uma boa pessoa.”

A exibição pelo *YouTube* contou com anúncio na página inicial do site no Brasil durante os dias que precederam a exibição, configurando a importância dada à ação promocional realizada por este que é o maior e mais popular site de compartilhamento de vídeos do mundo. As explicações podem estar em o canal de Rafinha encontrar-se entre os mais vistos diariamente na categoria “Comediante” e até mesmo na “Global” (que inclui todos os canais de todas as diversas categorias, inclusive os de “Música”, que são, geralmente, os canais mais acessados).

E, coincidentemente, no mesmo dia em que a apresentação foi ao ar, o comediante foi anunciado pelo respeitado jornal “*The New York Times*” como o dono do *Twitter* mais influente do mundo.

No microblog (onde só é possível postar frases com, no máximo, 140 caracteres), Rafinha tem mais de 2 milhões e 400 mil seguidores e obteve a maior nota (90, de 0 a 100) no *ranking* criado por uma empresa de consultoria:

[...] levando em conta o ‘índice de influência’, que avalia o número de vezes que o nome de alguém é citado ou retuitado no microblog, e não apenas o número de seguidores. Segundo a metodologia, os posts de Rafinha Bastos são os de maior repercussão em toda a rede, mesmo que ele tenha menos seguidores que o resto dos classificados.(site³⁵)

³⁴ Este glossário encontra-se o anexo desta monografia, p. 38-40.

³⁵ Na 7ª posição, está o atual presidente norte-americano, Barack Obama, e na 10ª, o apresentador Luciano Huck, que, junto com Rafinha, são os únicos brasileiros presente na lista. <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/rafinha-bastos-e-dono-do-twitter-mais-influente-mundo-diz-new-york-times>>

O evento escolhido para o lançamento do DVD de Rafinha, o “Risadaria” estava em sua segunda edição. Este é o maior festival de humor da América Latina, que reúne as diversas expressões do humor literatura nas mais diversas áreas: cinema, TV, rádio, internet, cartum, teatro, fotografia, circo, *stand-up comedy*.

Em sua programação, contou com grande parte dos principais comediantes da cena *stand-up* nacional (que se apresentaram em um dos dois palcos montados no Pavilhão da Bienal, no Parque do Ibirapuera/SP) e também com um debate, que ficou lotado, com o tema “O que é *stand-up comedy*?”, no qual estavam presentes: Bruno Motta, Danilo Gentili, Diogo Portugal, Marcela Leal, Márcio Ribeiro e Rafinha Bastos.

Junto ao evento, foi realizado o “1º Campeonato Brasileiro de *Stand-up Comedy*”. A etapa final ocorreu durante os dias do evento, mas as etapas classificatórias foram realizadas em todas as regiões do país nos meses anteriores, selecionando os melhores comediantes locais.

Ainda nesse ano, um acontecimento chamou a atenção até mesmo dos principais comediantes brasileiros. A sétima edição da “Virada Cultural de São Paulo”, um evento anual com 24 horas ininterruptas de programação e com mais de mil atrações gratuitas em diversos palcos pela cidade, dedicou um destes exclusivamente à *stand-up comedy*.

Ao final, foi contabilizado que, para assistir às apresentações, passaram por onde estava o palco, que ficou situado embaixo do conhecido Viaduto do Chá, no centro da cidade, um total de 50 mil pessoas.

Comediantes acostumados a se apresentarem e lotarem grandes teatros de até dois mil lugares pelo Brasil, se surpreenderam com o número. A situação levou Danilo Gentili a escrever em seu blog um post intitulado “A virada do *stand-up*”, no qual diz:

Nem de perto imaginei que aquele seria até então o maior evento da comédia stand-up nacional. Tal palco definitivamente provou para público e comediante que o que começamos sem pretensão em bares pouco tempo atrás não é uma modinha passageira e sim um gênero estabelecido e reconhecido. (site³⁶)

E fez questão de salientar a diversidade do público naquela ocasião:

³⁶ <<http://danilogentili.zip.net/>>

Os espectadores dessa virada foram os que todo comediante quer todas as noites em seus shows. Riam. Aplaudiam. Vaiavam. Gritavam. Levantavam a mão pras perguntas. Fizeram silêncio pra acompanhar o raciocínio. Mais de 50 mil pessoas saíram de casa, homens, mulheres, jovens, casais, idosos, reunidos em grupos de amigos ou sozinhos, cientes que iriam assistir não uma peça ou esquete de comédia, mas especificamente stand-up! (site³⁷)

Diante disso, espera-se que a existência deste palco torne-se uma tradição nas próximas edições do evento.

³⁷ *ibidem*

Considerações Finais – A consolidação da *stand-up comedy*

Desde seu ressurgimento, há pouco mais de 10 anos, a *stand-up comedy* encontra repercussão pelo mundo renovando a carreira de comediantes e apresentando novos talentos.

Marcelo Mansfield faz questão de afirmar que:

A stand-up comedy é um formato de comédia que se adequou ao Brasil, como renovou carreiras. Eu, Márcio Ribeiro, Ângela Dip, Sérgio Mallandro, Paulo Carvalho, Cláudio Torres Gonzaga, Marcelo Madureira... renovamos nossas carreiras, pois descobrimos mais alguma coisa a se fazer dentro da comédia. Esse boom da stand-up comedy pode passar, mais a carreira desses comediantes pode se utilizar dessa renovação com a stand-up comedy. (informação verbal³⁸)

O gênero propiciou, a atores cômicos e comediantes, a retomada da carreira através de uma nova vertente, que até o momento não haviam trabalhado e, até mesmo, nem conheciam. Os mencionados por Mansfield na citação acima, atualmente, são integrantes de grupos e/ou realizam apresentações de espetáculos solo pelo país com grande êxito.

Outro fato a ser constatado por Mansfield é que a *stand-up comedy*, no Brasil, “não teve organização nenhuma, foi uma coisa espontânea, um movimento muito espontâneo”³⁹. Ou seja, a reunião de grupos de pessoas com o mesmo ideal iniciou como algo independente e resultou em um desenvolvimento do gênero por todo o país, que continua até o presente momento.

O “Comédia em Pé”, que iniciou com apresentações em uma livraria, e o “Clube da Comédia *Stand-up*”, que foi o desdobramento de um espetáculo que

³⁸ Comunicação pessoal ao autor em 26 de fev. 2011, no Teatro Sesc Ginástico.

³⁹ *ibidem*

misturava humor físico com *stand-up*, foram os grandes incentivadores à criação de grupos de *stand-up comedy* nos mais diversos locais do país e ao surgimento de interessados em praticar o gênero. Assim como os comediantes que se apresentavam em suas respectivas cidades, como: Bruno Motta (Belo Horizonte) e Diogo Portugal (Curitiba).

E todo esse movimento sempre esteve associado à internet. “O início da comédia *stand-up* no Brasil é análogo à internet, pois o público começa a conhecê-la pela internet e os comediantes se encontram na internet” (MOTTA, informação verbal⁴⁰).

O mesmo ambiente virtual que reuniu os primeiros interessados pelo assunto, torna-se a plataforma democrática utilizada pelos comediantes para a disponibilização de vídeos de suas apresentações. E, desde o início, estes souberam utilizar-se das redes sociais (*Orkut, Facebook, Twitter* etc) e das inúmeras ferramentas possibilitadas pela internet para a divulgação de seu(s) trabalho(s).

Através da criação de sites, blogs e perfis nessas redes, passaram a interagir diretamente com o público, aproximando-se deste e criando, assim, uma nova relação entre ele e o espectador.

O próprio comediante disponibiliza na internet um vídeo com o trecho de sua apresentação e consegue alcançar grande repercussão através do poder de divulgação gerado por esses sites. Seja esta feita por outros comediantes ou por admiradores desse tipo de comédia.

Partindo para o meio físico, o surgimento dos *comedy clubs* comprovam a estabilidade alcançada pelo gênero. Com sua programação voltada integralmente para a comédia, retratam que o público busca apresentações de *stand-up comedy* e, devido ao rodízio de comediantes, retorna outras vezes a fim de conhecer outros pontos de vista, seja sobre um mesmo assunto ou não.

Multiplicaram-se pelo país, festivais e mostras exclusivamente de *stand-up* ou em que sua programação há apresentações do gênero. Inicialmente, havia somente o “Risorama”, em Curitiba. Hoje, há muitos outros, como: a “Mostra Brasileira de *Stand-up Comedy*”, que já teve duas edições e passou várias cidades do país apresentando três dos principais comediantes nacionais por noite; o Fest Riso, realizado em Brasília e Goiânia; o “Risadaria”, em São Paulo; entre outros.

⁴⁰ Comunicação pessoal ao autor em 05 de fev. 2011, no Teatro Sesc Ginástico.

Da mesma forma, comediantes que obtiveram grande repercussão com seus espetáculos em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (alguns contando com maior visibilidade, devido a trabalhos na televisão), percorrem o Brasil realizando apresentações em teatros com até mais de dois mil lugares, chegando até mesmo a realizar duas sessões em uma mesma noite.

E a realização de temporadas simultâneas em uma mesma cidade ou em cidades próximas é possível devido à procura pelas apresentações. O “Comédia em Pé”, como já citado anteriormente, chegou a estar em cartaz em três cidades e o “Seleção do Humor *Stand-up*” realiza apresentações nas cidades de São Paulo e de Campinas.

Ainda na televisão, programas são apresentados por comediantes de *stand-up*⁴¹ (“CQC”, na Rede Bandeirantes, e “Adnet Ao Vivo”, na MTV, por exemplo) ou os têm como atração (conforme já foi mencionado no capítulo II).

Além disso, emissoras realizam concursos de comédia. Alguns voltados exclusivamente para o gênero *stand-up* (“O melhor comediante *stand-up* do Brasil”, no “Tudo é Possível”, na Rede Record) e outros para a comédia em geral (“Quem chega lá?”, no “Domingão do Faustão”, da Rede Globo, e “O mais novo talento do humor do Brasil”, no “Tudo é Possível”, da Rede Record). E até mesmo nesses, comediantes *stand-up* destacam-se e, na maioria dos casos, saem vencedores⁴².

E é notório que:

Nos Estados Unidos, o stand-up já percorreu esse mesmo caminho, e o resultado foi uma renovação da TV com criação de programas que absorveram os talentos dessa linguagem, como foi o caso de Saturday Night Live, no ar desde 1975. No Brasil, o que humoristas como Rafinha Bastos, Danilo Gentili e Fábio Porchat já fizeram por um mercado saturado de clichês é visível, mas talvez algo ainda maior esteja em curso, e a nova geração do stand-up nacional venha a participar de uma revolução. É esperar para ver. (FRANCO, 2009, p. 75)

Enfim, o processo de consolidação da *stand-up comedy* no Brasil foi essencialmente beneficiado pela convergência das mídias. Os comediantes deste gênero souberam utilizá-las a seu favor, em benefício ao trabalho que realizam e

⁴¹ Em junho de 2011, estreou “Agora é Tarde”, na Rede Bandeirantes. Trata-se de um *talk show* apresentado por Danilo Gentili e que tem em seu elenco Léo Lins, Marcelo Mansfield e Murilo Couto.

⁴² Foi o caso do comediante Victor Sarro (SP), que venceu o concurso realizado no programa “Tudo é Possível”, em 2010.

continuam buscando a evolução desse tipo de comédia, já bem adaptado a tudo isso, estabelecendo cada vez mais uma relação diferenciada e próxima ao público.

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Vilma. *Iniciação à Comédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BENTLEY, Eric. *A Experiência Viva do Teatro*. Trad.: Alaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

BERGSON, Henri. *O Riso. Ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. 2ª ed. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (org). *Uma história cultural do humor*. Trad.: Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CARUSO, Fernando *et al.* *Comédia em Pé – O livro*. Rio de Janeiro: Mirabolante, 2009.

CARVALHO, M.C. Brant de. *O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social*. In: NETTO, J.P. & CARVALHO, M.C. Brant de. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. pp.13-63.

COMÉDIA EM PÉ – VOLUME 2. Textos e direção de criação própria: Claudio Torres Gonzaga, Fábio Porchat, Fernando Caruso e Paulo Carval. Filmagem e edição: Chamon Audiovisual. Direção de produção: Alina Lyra. Produção e realização: Alkaparra Produções. 2010. DVD (90 min). Color.

DRIESSEN, Henk. *Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia*. In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (org). *Uma história cultural do humor*. Trad.: Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. pp.251-276

FRANCO, Marcella. *Chega de loira, português e papagaio*. Revista Bravo, nº139, março de 2009, p. 72-75.

GENTILI, Danilo. *A virada do Stand-up*. Disponível em: <<http://danilogentili.zip.net/>>. Acesso: 21 abr. 2011.

LE GOFF, Jacques. *O riso na Idade Média*. In: BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (org). *Uma história cultural do humor*. Trad.: Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. pp.65-82.

LINS, Léo. *Notas de um comediante stand-up*. Curitiba: Nossa Cultura, 2009.

MANSFIELD, Marcelo e LEAL, Marcela. *História do Stand-up*. <http://www.clubedacomedia.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=8&Itemid=31>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MARINHO, Flávio. *Quem tem medo do besteiro?: a história de um movimento teatral carioca*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

MARTIN, Steve. *Nascido para matar... de rir: do stand-up ao cinema, como me tornei um fenômeno do humor*. Tradução de Daniela P. B. Dias. São Paulo: Matrix, 2008.

MOTTA, Bruno. *O Stand-up Comedy*. Disponível em: <<http://www.brunomotta.com.br/standupcomedy/>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

NETTO, J.P. *Para a crítica da vida cotidiana*. In: NETTO, J.P. & CARVALHO, M.C Brant de. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005. pp.64-90.

O DOGMA DO COMÉDIA EM PÉ <<http://comediaempe.com.br/principal.php?page=dogma.php>>. Acesso em: 02 dez. 2010.

PEIXOTO, Fernando. *O que é Teatro*. 7ª ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PORTUGAL, Mirela. *Rafinha Bastos é dono do Twitter mais influente do mundo, diz New York Times*. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/rafinha-bastos-e-dono-do-twitter-mais-influente-mundo-diz-new-york-times>>. Acesso: 25 mar. 2011.

SEGARUSA, Fabiana. *Danilo Gentili e Rafinha Bastos inauguram comedy club dia 29; veja vídeo exclusivo*. Disponível em: <<http://guia.folha.com.br/teatro/ult10053u815151.shtml>> Acesso em: 20 out. 2010.

STROPPARO, Camila. *Os calouros na arte de provocar risadas*. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2221/curso-stand-up>>. Acesso em: 17 jun. 2011.

ANEXOS

- Entrevista concedida pelo comediante Bruno Motta ao autor, no dia 05 de fevereiro 2011, no Teatro Sesc Ginástico/RJ.

Quais foram as edições do “Prêmio Multishow do Bom Humor Brasileiro”?

Foram 1996, 1997 e 1998. A Cláudia Rodrigues vence em 1996, a Cida Mendes, em 1997, e o Marcelo Médici, em 1998. Eram cinco vencedores a cada edição.

O espetáculo “De Pé” foi seu primeiro solo de *stand-up comedy*?

Sim. Estreou em 2001, fiquei em cartaz em Minas Gerais e realizei algumas viagens, mas nenhuma para São Paulo ou Rio de Janeiro.

Você participou do “Mondo Cane” em São Paulo, em 2004. Você já conhecia os humoristas deste espetáculo?

Os primeiros comediantes de stand-up se conheceram no Orkut, na comunidade criada pelo Henrique Pantarotto. Em 2004, fizemos uma reunião e o Marcelo Mansfield conseguiu uma pauta para o “Mondo Cane”, onde ele abria fazendo humor físico e depois tinha stand-up comigo, Marcela Leal, Rafinha Bastos e outros comediantes que hoje não se apresentam mais. O início da comédia stand-up no Brasil é análogo à internet, pois o público começa a conhecê-la pela internet e os comediantes se encontram na internet.

Você saía de Minas Gerais para se apresentar no Rio de Janeiro e em São Paulo?

Isso. O “Comédia em Pé” estreia no Rio de Janeiro, no Rio Design Leblon, e lá em São Paulo está acontecendo o “Mondo Cane”. Eu saía de Minas para fazer um dos dois e emendar. Eu vinha para cá (Rio de Janeiro) e depois ia para lá (São Paulo).

- Entrevista concedida pelo comediante Marcelo Mansfield ao autor, no dia 26 de fevereiro 2011, no Teatro Sesc Ginástico/RJ.

Como foi o início do “Mondo Cane”?

Eu já falava há muito tempo com a Marcela Leal e o Rafinha Bastos. A Marcela Leal já fazia participações na “Terça Insana”, mas lá o formato não permitia stand-up, só

personagem. Então, eu conversei com a Grace Gianoukas, que é a idealizadora do “Terça Insana”, que eu ia fazer um outro espetáculo para fazer stand-up e ela diz: “Sem problemas”, já que as apresentações seriam às segundas-feiras. Nisso, o Ângelo Leuzzi abriu uma casa, em São Paulo, e queria ter uma noite de humor às segundas-feiras. Eu topo e digo que estou com um projeto para fazer um espetáculo com a Marcela Leal e o Rafinha Bastos. O Ângelo não conhece eles, mas aceitou mesmo assim, confiando em mim. Então, eu chamei os dois e criei o “Mondo Cane”, que era meia hora de humor físico comigo no início e, depois, eu voltava e apresentava, como mestre de cerimônias, a Marcela, que fazia quinze minutos de stand-up, e o Rafinha, que fazia quinze minutos também, o que dava 1 hora e pouco de show. O fracasso de bilheteria era tão grande, que o Ângelo colocou a Cláudia Liz (modelo da década de 80 e, na época, esposa de Ângelo) de hostess na porta e mesmo assim, não ia ninguém. Daí, o Oscar Filho foi um dia, pois eu fui fazer uma apresentação com o Diogo Portugal, e ele fez, com o grupo dele, “Os cretinos”, a minha primeira parte. Depois, ele ficou ouvindo a Marcela e o Rafinha e, na plateia, estava o Márcio Ribeiro... Quando eu voltei, o Oscar diz que quer se apresentar fazendo stand-up e a gente abre espaço para convidados. A Marcela conhecia o Henrique Pantarotto, que conhecia o Bruno Motta. Um foi falando para o outro, eles fizeram pequenas inscrições e foram chamando as pessoas. Era o “Open Mic” do “Mondo Cane”. As pessoas tinham 5 minutos para se apresentar, depois da apresentação da Marcela e do Rafinha. Era um fracasso de bilheteria tão grande que não dava mais para continuar, a gente ficou uns três meses assim mesmo com convidados e cada um que ia levava um pessoal. Aí a gente resolveu parar, mas eu, a Marcela e o Rafinha continuávamos com a ideia de fazer um show. Resolvemos, então, fazer o “Clube da Comédia” e chamamos o Henrique Pantarotto, o Márcio Ribeiro e o Oscar Filho. O primeiro lugar onde a gente se apresentou foi o Bar Beverly Hills e lá a gente formou o primeiro show de stand-up puro de São Paulo. No Rio de Janeiro, já tinha o “Comédia em Pé”, mas em São Paulo, o “Clube da Comédia” foi o primeiro grupo que se organizou para fazer show de stand-up.

Como foi a estreia do “Clube da Comédia”?

A gente não anunciou a estreia no Bar Beverly Hills. Tinha dia que tinham 10 pessoas. Tinha dia que tinham 8 pessoas... Quando a gente viu que começou

lotar, que o boca a boca começou a funcionar – o que ocorreu três meses depois da primeira apresentação – a gente comprou um anúncio no jornal e fez uma grande festa de lançamento. E aí foi lotando, lotando, lotando e, quando o Beverly Hills não comportava mais o público, a gente foi para uma casa maior que foi o Bar Mr. Blues, que cabia 150 pessoas. Começou a lotar e fazíamos duas sessões. Ficou pequeno e fomos para o Bar Bleeker Street, que cabia 300 pessoas por sessão. Começou a lotar de novo e fazíamos duas sessões. E aí, a gente foi pro Teatro Procópio Ferreira.

Quais formações o “Clube da Comédia” já teve?

A primeira formação foi eu, Marcela Leal, Rafinha Bastos, Márcio Ribeiro, Oscar Filho e Henrique Pantarotto. Depois, entrou o Diogo Portugal e saiu o Henrique. Pelo meio do segundo ano, saiu o Márcio Ribeiro e entrou o Danilo Gentili, que fazia “Open Mic”. O “Clube da Comédia” nunca teve muitos convidados. A gente passou a ter mais convidados a partir do (teatro) Procópio Ferreira. O Danilo participou do “Open Mic” umas duas ou três vezes e aí, um dia, eu e o Rafinha pensamos: “Vamos chamar o Danilo?”. E a Marcela e o Oscar queriam muito que ele entrasse também, pois o Márcio tinha saído. Então, a gente chamou o Danilo para fazer parte do grupo e ele está aí até hoje. E o Danilo era o nosso bebezão, ele não tinha curso de teatro, era um garoto de internet e desenvolveu toda a comédia dele fazendo. Ele é um autodidata. Todos os outros já tinham algum envolvimento com teatro. Eu tinha vinte anos de carreira, a Marcela já era uma atriz formal, com duas novelas no currículo, o Oscar era um cara que tinha um grupo de teatro muito badalado, o Rafinha tinha a “Página do Rafinha” há três anos. A gente já era artista e o Danilo não. Ele escrevia e, quando começou a se apresentar no “Clube da Comédia”, direcionou a carreira dele para o palco, então, quando passou a fazer parte do elenco, ele já estava profissional, já estava treinado o suficiente. Mas, é claro, que fazer toda semana, ajuda demais.

O que você acha da atual cena da stand-up comedy no Brasil?

A stand-up comedy é um formato de comédia que se adequou ao Brasil, como renovou carreiras. Eu, Márcio Ribeiro, Ângela Dip, Sérgio Mallandro, Paulo Carvalho, Cláudio Torres Gonzaga, Marcelo Madureir... renovamos nossas carreiras,

pois descobrimos mais alguma coisa a se fazer dentro da comédia. Esse boom da stand-up comedy pode passar, mais a carreira desses comediantes pode se utilizar dessa renovação com a stand-up comedy. Então, eu acho importante citar que não teve organização nenhuma, foi uma coisa espontânea, um movimento muito espontânea.

- Glossário da stand-up comedy

Fonte: LINS, Léo. *Notas de um comediante stand-up*. Curitiba: Nossa Cultura, 2009. p. 159-160.

Quando uma piada não arranca risos da plateia diz que: não entrou, não rolou, não virou, não vingou, água, não deu certo, se fudeu.

Quando uma piada arranca risos da plateia, diz-se que: entrou, rolou, virou, vingou, foi tiro, deu certo.

Bloco: Ver *Set*.

Carteiro: comediante que conta piadas que não escreveu, mas sabe como entregá-las para a plateia.

Chato ou *Heckler*: Espectador desagradável.

***Comic twist*:** Ver *Distorção cômica*.

Delivery ou Entrega: Maneira que você interpreta a piada: são as palavras, sons e gestos utilizados ao contar uma piada.

Distorção cômica ou *Comic twist*: É onde está a piada, ou seja, as palavras ou ações que vão provocar o riso, devido ao preparo feito anteriormente.

Emenda: Ver *Link*.

Emotional Tag: Algo que você fala de forma espontânea após o *punch*, em virtude do que está sentindo na hora.

Entrada: Em geral diz respeito a cerca de 10 a 15 minutos de piadas.

Entrega: Ver *Delivery*.

Heckler: Ver *Chato*.

Link ou Emenda: Frase ou que tem a função de ligar um assunto com o outro.

Material: É o conjunto de todas as piadas de um comediante.

Piada: Termo genérico para o que intencionalmente faz rir.

Piada Domínio Público ou Piada Marrom: Piadas ou premissas, que por serem de raciocínio óbvio, são tão comuns de serem criadas que não podem ser consideradas propriedade de alguém.

Ponto de Vista (PdV): Representa sua forma de ver o mundo, sua forma de pensar, suas emoções e reações perante os assuntos.

Premissa: É o assunto da piada. Ninguém vai rir de alguma coisa sem saber do que se trata.

Punch: Ver *Punch Line*.

Punch Line ou Punch ou Tiro: O que provoca o riso. O *punch* pode ser uma simples palavra, uma frase, ou até mesmo um gesto.

Rotina: Ver *Set*.

Senso cômico: Instinto que vai permitir distinguir piadas que podem dar certo, das que não vão dar certo.

Set, Bloco ou Rotina: Conjunto de piadas relacionadas, sobre um mesmo tópico.

Setup: É a informação necessária para viabilizar a existência e o impacto do *punch*.

"Só joga": Soltar um *punch* sem valorizá-lo através de pausas, sejam elas antes ou depois.

"Tá cavando": Quando o comediante fica buscando uma boa reação da plateia para fechar sua entrada.

Tiro: ver *Punch Line*.

Tiro de sniper: Piadas onde você leva um tempo preparando, mas o *punch* é certo.